



A Fase IV da Operação *Iraqi Freedom*: A Reação de um Planejador ao Artigo do General Britânico Alywin-Foster

Coronel Kevin C. M. Benson, Exército dos EUA

UM EXÉRCITO em guerra deve ser capaz de realizar sua auto-avaliação, aprender com suas experiências bem como com as observações ou críticas de outros profissionais. O principal objetivo deste esforço de aprendizagem é poder empregar esse novo conhecimento na mudança de padrões de ação e treinamento. O artigo do General Alywin-Foster do Exército Britânico, publicado em março-abril de 2006 na edição brasileira da *Military Review*, teve um impacto positivo ao salientar que o Exército dos EUA se encontra em um momento-chave de sua história. A guerra está mudando e talvez, tenhamos demorado a reconhecer essa nova situação. De fato, segundo Alywin-Foster, temos sido tão insensíveis durante as operações da Fase IV, particularmente com os iraquianos, que nossos fracassos culturais “equivaliam, de forma argumentável, ao racismo institucional.” Ele sustenta, também, que carecemos de um nível apropriado de profissionalismo e que não temos nenhuma perspectiva real de como vencer a guerra atual na Fase IV.¹

Embora Alywin-Foster tivesse razão ao chamar atenção para essas questões críticas e aos problemas que as Forças Armadas têm experimentado no Iraque, sua avaliação não é precisa e os contrastes são significativos. Nós, oficiais norte-americanos, precisamos ser profissionais suficiente para aprender com a experiência dos outros, que não sofreram a influência das características culturais norte-americanas. Indubitavelmente, alguns americanos não têm demonstrado um nível adequado de consideração com a cultura iraquiana e com as exigências da guerra de contra-insurreição. No entanto, no fragor da batalha, até os exércitos mais experientes em operações de contra-insurreição às vezes têm problemas, como demonstrado pelo Exército Britânico quando empregou carros de combate *Warrior* para derrubar as paredes de uma cadeia em Basra para resgatar dois de seus soldados presos por um líder de uma milícia local.

O Gen Aylwin-Foster, dentre outros, afirma que o Exército dos EUA não realizou um planejamento adequado para a Fase IV da campanha no Iraque. Também declara que nosso Exército se encontra num momento crucial de sua história e tem sido demasiado lento para reconhecer o

O Coronel Kevin C.M. Benson é Diretor da Escola de Estudos Militares Avançados no Forte Leavenworth, Kansas. Recebeu seu título de Bacharel pela Academia Militar dos EUA, seus Mestrados pela Catholic University e pela Escola de Estudos Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. O Cel Benson é formado pelo Programa de Estudos de Segurança do Massachussets Institute of Technology (MIT). Já desempenhou várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA, Alemanha e Iraque. Ele deseja agradecer ao Dr. Ken Pollack por haver revisado este artigo bem como por lhe oferecer valiosos comentários.

tipo de guerra que estamos travando e o que devemos fazer para obter a vitória. Discordo das duas afirmações e apresento uma opinião contrária composta de duas partes. A primeira é histórica, enquanto a segunda aborda algumas das colocações mais importantes do General Aylwin-Foster.

O Planejamento da Fase IV

A minha experiência no planejamento da Operação *Iraqi Freedom* começou em julho de 2002. Ao ser designado E5 — oficial de estratégia para as operações combinadas do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas (*Combined Forces Land Component Command* — *CFLCC*) do III Exército dos EUA, tive o privilégio de dirigir o planejamento do Comando Terrestre no período que antecedeu as operações em março de 2003 até ter deixado aquele

O Gen Aylwin-Foster, também declara que nosso Exército se encontra num momento crucial de sua história e tem sido demasiado lento para reconhecer o tipo de guerra que estamos travando e o que devemos fazer para obter a vitória.

comando em julho de 2003. O General Aylwin-Foster não tem razão em declarar que não houve um planejamento adequado para as operações da Fase IV. Nosso desafio era transformar planos em ações enquanto tratávamos com as orientações e as suposições provenientes dos altos níveis de comando, do processo de desdobramento e das mudanças políticas. Como resultado, nossos planos nunca se desenvolveram o suficiente para que coordenassem as operações terrestres com as linhas de operações lógicas, as quais produziram o estabelecimento das condições militares sólidas para que alcançássemos os objetivos políticos.

A primeira letra em *CFLCC* representa “Conjunta”. É importante lembrar-se disso. Além de contar com integrantes dos Fuzileiros Navais no estado-maior, o Comando Terrestre também tinha oficiais da Coalizão que serviam

em posições-chave. Na seção do E5, o Tenente-Coronel Chris Field do Exército Australiano e o Major Nick Elliot do Exército Britânico tinham o mesmo acesso à inteligência e às informações que os oficiais norte-americanos; de fato, esses dois oficiais lideraram muitos grupos de planejamento antes e depois do início das operações.

Julho-dezembro de 2002. Quando cheguei ao Quartel-General do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas do III Exército dos EUA em Atlanta, todos os integrantes da seção do estado-maior do E5 estavam engajados no planejamento da manobra decisiva ou na fase de combate da operação. Aqueles que não participavam diretamente no planejamento desse esforço se concentravam na preparação da seqüência de desdobramento da força por fases, utilizando-se para isso dos dados disponíveis. Nosso plano de operações, o Cobra II, foi elaborado para incluir todas as fases da campanha, como foi esboçado no Plano de Campanha 1003V do Comando Central dos EUA. Baseado nas experiências adquiridas anteriormente, montei um grupo de trabalho, integrado por poucos oficiais no início, para levantar os aspectos primordiais da Fase IV do maior plano de operações. Acreditei que precisávamos entender as complexidades dessa parte da campanha.²

O desenvolvimento desse plano de operações abrangia todas as fases da campanha, inclusive o desenvolvimento da seqüência de desdobramento da força com a cooperação de planejadores do Comando Central para aperfeiçoar o plano de campanha e os “briefings” para os altos níveis de comando no Gabinete do Secretário de Defesa. Sua elaboração exigia sempre um esforço contínuo dos planejadores e líderes superiores do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas. O nível de esforço necessário para realizar essas tarefas e detalhar um plano para a Fase IV me levou a pedir mais planejadores. Quatro oficiais chegaram em janeiro de 2003.

Janeiro-abril de 2003. Nossa equipe, agora reforçada, continuou a detalhar o plano de operações. Soubemos que não haveria apenas uma decisão para a seqüência de desdobramento da força por fases. Ao invés disso, teríamos que submeter as solicitações às forças envolvidas, de acordo com os grupos de unidades empenhadas, por intermédio do Gabinete do Secretário

de Defesa. Essa carga de trabalho adicional combinada com a necessidade de preparação de conferências finais dos comandantes do Comando Central, da revisão completa do plano escrito por todo o estado-maior envolvido, além de visitas frequentes de oficiais-generais do alto comando de Washington, certamente, pressionou todos os planejadores e o estado-maior em geral. No entanto, a equipe de planejamento da Fase IV, incluindo os oficiais britânicos, aperfeiçoou as linhas de ação do planejamento e continuou a simular a guerra.³

Durante o processo de aperfeiçoamento dos planos, levantamos uma série de questionamentos: Seríamos capazes de restabelecer o Exército e a burocracia governamental iraquiana? A direção da política mudaria ao longo do tempo? A remoção dos membros do partido Baath seria limitada aos burocratas e oficiais de alto nível? Apresentamos essas suposições aos líderes do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas bem como aos generais mais antigos do Estado-Maior Conjunto e do Exército em janeiro e fevereiro de 2002.⁴

Em 15 de fevereiro de 2003, o comandante do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas, General David D. McKiernan, determinou a realização de um exercício na carta que simulou os aspectos primordiais da invasão. A manobra, realizada em um grande edifício no Acampamento *Doha* no Kuwait, simulou as ações que seriam executadas a caminho de Bagdá, incluindo a possível entrada pelo norte da 4ª Divisão de Infantaria. No dia seguinte, 16 de fevereiro, o E5 entregou o plano para o oficial responsável pelas operações futuras (E35) para transformá-lo em uma ordem de operações. O grupo do E5 continuou a aperfeiçoar a Fase IV do plano bem como processar a difícil tarefa de solicitar mais forças. As simulações de guerra para a Fase IV estavam se tornando cada vez mais difíceis.

Em 17 de março de 2003, informei ao General McKiernan que as simulações de guerra tinham se tornado tão complexas que a Fase IV deveria ser a segunda parte do *Plano de Operações Cobra II* e que exigiria o seu próprio plano. O General McKiernan, que estava engajado com os detalhes do iminente Dia-D (19 de março de 2003), concordou e determinou que trabalhasse

com o General britânico Albert Whitley, Subcomandante da Fase IV. Os esforços de planejamento continuaram e incluíram o Gabinete de Reconstrução e Assistência Humanitária, comandado pelo General Jay M. Garner, a Força-Tarefa 4, o V Corpo-de-Exército e a 1ª Força Expedicionária de Fuzileiros Navais.⁵

O General Whitley pediu a participação de agências externas para “controlar o processo enquanto realizávamos a missão,” segundo a diretriz do General McKiernan para todos os

“Nossas próprias regras, processos burocráticos, relações de estado-maior e a cultura complicam a capacidade dos nossos soldados e líderes de alcançar os sincronizados efeitos não-letais por todo o campo da batalha. Nosso modelo tradicional de adestramento, ainda sob a mentalidade da Guerra Fria, faz a nossa organização pensar só em termos de ações dinâmicas...”

comandantes da Operação *Cobra II*. Depois de controlar a área do sul do Iraque (Umm Qasr e Basrah), o General Whitley trabalhou com o Governo kuwaitiano para construir um aqueduto que abastecesse o sul do Iraque com água potável. Ele também coordenou a entrega de suprimentos de apoio no porto de Umm Qasr. O General Whitley e o Coronel Marty Stanton, comandante das Operações Civil-Militares (E9) do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas, trabalharam para restabelecer a participação das agências internacionais e da ONU no Iraque.

Denominamos nosso plano para a Fase IV de “*Eclipse II*.” Os planejadores do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas, do V Corpo do Exército e da 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais revisaram os dados relativos à formação étnica do país. Identificamos os locais onde poderiam ocorrer conflitos entre diferentes grupos étnicos, áreas tribais e regiões onde Saddam executou suas operações

de limpeza étnica, em sua maior parte nas províncias e estados no norte do Iraque. Em abril de 2003, as Forças da Coalizão entraram em Bagdá e, de acordo com o plano de campanha do Comando Central, o Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas estabeleceu um quartel-geral avançado na cidade. Ao mesmo tempo, ocorreu uma outra mudança dos planos entre o Oficial de Estratégia para as Operações Combinadas (E5) e o Oficial de Operações Futuras Combinadas (E35), desta vez no Plano de Operações *ECLIPSE II*. As forças do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas se reorganizaram nas zonas de reunião previstas da Fase IV. A análise dos processos necessários para que as tropas pudessem realizar suas tarefas recomendou que o Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas estabelecesse presença nas principais cidades do Iraque, enquanto uma ação de economia de forças com o apoio de observação eletrônica patrulharia as áreas abertas no deserto. No fim de abril, o enfoque do planejamento deixou de ter prioridade ao se decidir que a missão seria realizada por um quartel-general futuro.⁶

Maio-junho de 2003. Para os planejadores, este período foi marcado por três decisões-chave: o Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas se tornaria a Força-Tarefa Combinada Conjunta-7, responsável por todo o Iraque; essa FT transferiria todas as suas responsabilidades ao V Corpo de Exército e ao Exército Iraquiano. No início de maio de 2003, o comandante do Comando Central determinou sua execução. Esta decisão facilitou a direção do planejamento do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas, em razão de ter-se concluído que não existia nenhum quartel-general futuro viável para supervisionar a Fase IV.

No fim de maio ou no início de junho, depois do estabelecimento da Autoridade Provisional da Coalizão, o Comando Central decidiu que o V Corpo de Exército assumiria as missões da FT Combinada Conjunta-7, que anteriormente pertencia ao Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas. Isso exigiu um esforço muito grande por parte dos dois estados-maiores para coordenar essa transferência de responsabilidades. Além disso, tinham de preparar, entre outras coisas, um documento combinado de

designação dos efetivos para assegurar que o estado-maior do V Corpo de Exército chegasse a ser um estado-maior funcional.

Finalmente, de acordo com o planejamento realizado, o Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas coordenou com os generais do Exército Iraquiano o retorno ao serviço ativo do ex-Exército do País. Os oficiais selecionaram áreas específicas para o cumprimento dessa missão, enquanto as forças do V Corpo de Exército e as da 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais coletaram armas e munições para fins de redistribuição.

No fim de maio, o Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas recebeu Walt Slocombe, representante da Autoridade Provisional da Coalizão para o novo Ministério de Defesa Iraquiano, no Acampamento Doha. Depois de informá-lo sobre os detalhes de nossos esforços para o retorno dos militares iraquianos, solicitamos uma decisão para a continuação do esforço. Ele nos agradeceu verbalmente pela informação recebida. Mais tarde naquele mês, soubemos da decisão de dispensar o Exército Iraquiano. O Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas transferiu a missão da FT Combinada Conjunta-7 para o V Corpo de Exército em 15 de junho de 2003.

O Momento Crucial

Segundo a minha perspectiva o que foi escrito anteriormente é história. Como o General Aylwin-Foster reconhece, a campanha ainda continua; por isso, é muito difícil chegar-se a um julgamento definitivo sobre o assunto. No entanto, seus comentários generalizados sobre a conduta e a inabilidade do Exército dos EUA de aprender e adaptar-se a novas situações são exageros. Embora alguns comandantes norte-americanos não consigam entender a natureza mutante da guerra iraquiana e de como melhor conduzi-la, outros têm se sobressaído de forma brilhante. O Gen Aylwin-Foster escreve que “A abordagem e a execução das operações pelo Exército eram fatores contribuintes do insucesso da Coalizão para explorar o êxito imediatamente após a queda de Saddam.” Também disse, “O comportamento de um comando hierarquicamente consciente, que encorajava a centralização e, por outro lado, desencorajava a iniciativa ou a inovação

dos elementos subordinados,” contribuiu para a inabilidade do Exército de adaptar-se às exigências da Fase IV, e segundo ele: “Cada comandante tinha seu próprio estilo, mas se existisse uma tendência comum, era para o micro gerenciamento (controle detalhado sobre as ordens emitidas até os menores escalões)...” Vamos procurar provas que sustentam ou refutam essas afirmações. Todos conhecem ou já conheceram um micro gerenciador, mas segundo a opinião de um major com quem falei, “O combate tem afastado esses viciados de controle (centralizadores).”⁷

A Decadência do Profissionalismo?

O General Aylwin-Foster afirma que “embora o Exército adote a missão pela finalidade, no Iraque isso não foi realizado...” Este assunto relevante é a raiz da capacidade do Exército para adaptar-se aos ambientes mutantes e a um inimigo criativo. Temos condições de incorporar a missão pela finalidade ou estamos simplesmente tentando defender apenas o ideal da doutrina? Para responder a essas perguntas, analisei os arquivos de nossas ações no Iraque e entrevistei ex-comandantes que serviram no teatro de operações durante o período de serviço do General Aylwin-Foster.⁸

Em 15 de agosto de 2004, o General Peter W. Chiarelli comandou a 1ª Divisão de Cavalaria em Bagdá, substituindo a 1ª Divisão Blindada. Em um artigo, publicado na edição da *Military Review* de novembro-dezembro de 2005, o General Chiarelli esboça as lições aprendidas de suas experiências adquiridas no teatro de operações e descreve aquelas executadas pela 1ª Divisão de Cavalaria em Bagdá. O General Chiarelli destaca que “a guerra que nós conhecemos tem mudado.”⁹

O ponto principal do Gen Chiarelli é que um enfoque desequilibrado para as operações de segurança e de movimento, embora o Exército faça muito bem essas ações, não resultará em uma vitória neste tipo de guerra. Por isso, ele preparou sua divisão para conduzir as operações com pontos de apoio flexíveis, utilizando linhas de controle que equilibraram a aplicação de todas as formas de poder, tanto letais quanto não-letais. Seu artigo mostra como a 1ª Divisão de Cavalaria conduziu essas operações durante

o período crucial na campanha. Suas conclusões e recomendações são relevantes no debate de “como ou se” temos nos adaptado a este momento crucial na história.

Nossa abordagem para a guerra. O General Chiarelli oferece um comentário direto sobre nossa abordagem para a guerra: “Nossas próprias regras, processos burocráticos, relações de estado-maior e cultura complicam a capacidade dos nossos soldados e líderes de alcançar os sincronizados efeitos não-letais por todo o campo da batalha. Nosso modelo tradicional de adestramento, ainda sob a mentalidade da Guerra Fria, faz a nossa organização pensar só em termos de ações dinâmicas... O pensamento crítico ajudará a criar a capacidade de mudar rapidamente para um novo ambiente cognitivo. Esse pensamento crítico deve ser alicerçado profissionalmente na aplicação controlada da violência e ainda submetido a uma variedade ampla de especializações, normalmente não consideradas como parte das tradicionais funções militares.”¹⁰

O General Chiarelli afirmou que desde o início das operações durante seu ano de serviço no teatro de operações, nunca se reuniu com todos seus comandantes de brigada. Disso, podemos deduzir que suas ordens foram cumpridas de acordo com a intenção do comandante e a missão propriamente dita, conforme as diretrizes estabelecidas antes de chegar ao teatro de operações, criando um clima de comando que autorizou os líderes das pequenas unidades a se adaptarem às exigências das modificações da missão e de suas tarefas. Comentou que a capacidade de liderança dos comandantes subalternos, baseada na preparação, decidirá os resultados dessa luta e de outras no futuro. Os generais e oficiais superiores terão a atribuição de apoiar “pequenas ações decisivas, desempenhadas durante todas as operações interligadas...” Indubitavelmente, a 1ª Divisão de Cavalaria se adaptou rapidamente às mudanças da guerra. A precaução é: Deveremos realizar o aproveitamento do êxito nessas situações? Esse espírito foi encontrado apenas na 1ª Divisão de Cavalaria? Devemos analisar outros escalões de comando.¹¹

As condições de operação e os adversários se diferenciam por todo o Iraque. Conversei com um líder de uma equipe de combate de brigada

ao norte de Bagdá. Este comandante categorizou seus adversários com uma gama de descrições variando entre “remanescentes do 1º Corpo da Guarda Republicana até criminosos.” Ainda assim, seu ambiente operacional era semelhante ao de outros comandantes, aproximadamente uma área de 150 por 170 quilômetros ou de 22.500 quilômetros quadrados. Ele me informou que o tamanho de sua zona de ação o impossibilitava de manter contato com suas pequenas frações, mesmo que tivesse interesse de comandar dessa forma. Na realidade, ele dependeu das ordens estabelecidas na missão e de sua intenção para conduzir as operações.¹²

“Os princípios de guerra são fundamentais e nossa doutrina funciona. Conduzimos a preparação de inteligência do campo de batalha, desenvolvemos a situação e aplicamos os meios letais e não-letais para cumprir nossa missão.”

Da mesma forma que a 1ª Divisão de Cavalaria, este oficial empregou seu sistema de comando e controle para disseminar as informações de inteligência nos níveis mais baixos possíveis. Ele disse: “A tomada de decisões no combate depende da interação honesta e aberta entre os líderes e comandantes subordinados.” Embora a zona na qual operasse fosse, em sua grande parte Sunita ele e seus comandantes reconheciam a absoluta necessidade de empregar uma combinação de todos os meios de poder, letais e não-letais, para estabelecer um ambiente totalmente controlado. Ele estabeleceu um conselho governante de líderes sunitas que foi reconhecido pela Autoridade Provisional da Coalizão e pelo Governo Iraquiano Provisional. Ele disse: “Meu trabalho diário consistia em conversar com os líderes locais durante almoços de cordeiro, buscando estabelecer relações.” Evidentemente, a integração das operações civil-militares com as operações de combate foi uma atividade necessária e imediata na condução das operações. Além do mais,

rotineiramente, conduzia operações combinadas com as forças de segurança iraquianas.¹³

As ordens estabelecidas na missão e a intenção do comandante. O comandante da divisão desse oficial também operava com o emprego das ordens recebidas na missão e com a intenção do comandante, pois a zona de ação da divisão era demasiadamente grande. O oficial me disse que: “Os princípios de guerra são fundamentais e nossa doutrina funciona. Conduzimos a preparação de inteligência do campo de batalha, desenvolvemos a situação e aplicamos os meios letais e não-letais para cumprir nossa missão.” Obviamente, devido ao tamanho da área, ele empregou seu sistema de comando e controle apenas para comandar e não para controlar. A tendência para depender da tecnologia era de fato um meio de vida na 1ª Divisão de Cavalaria e na brigada desse oficial, sendo que todos os comandantes subordinados precisavam estar constantemente informados da situação. Evidentemente, o estabelecimento de exigências para as informações e as medidas de desempenho e eficácia pode ser visto como um aspecto da ação de comando, por isso devemos considerá-lo enquanto discutimos como operar de forma mais eficaz no ambiente mutante de guerra.¹⁴

Ao considerar apropriadamente a crítica do General Aylwin-Foster, também conversei com comandantes de batalhões e de companhias que trataram das exigências diárias do combate de maneira mais pessoal. O Coronel Tim Parks, que serviu como comandante de uma FT valor batalhão da 4ª Divisão de Infantaria, operou em uma área ao noroeste de Bagdá.

Antes de desdobrar-se, a FT do Coronel Parks integrava um batalhão especial enviado para o Kuwait logo após os atentados de 11 de setembro. Sua experiência no Kuwait o preparou para tratar minuciosamente dos problemas que enfrentaria ao voltar ao teatro de operações em 2003. O Coronel Parks descreveu o ambiente de comando na divisão e na brigada destacando a vontade dos líderes superiores de iniciar discussões sobre o novo equipamento, oportunidades para adestramento que não eram tradicionais na divisão, e também, para apoiar e, até mesmo, intervir para criar oportunidades de adestramento não-convencionais.

A unidade do Cel Parks executou repetidamente muitos exercícios de combate urbano para pelotões. Executou simulações bem como diferentes situações de adestramento na guarnição, visando prepará-los para enfrentar os complexos ambientes esperados no Iraque. Ele conduziu esses treinamentos simultaneamente com outras atividades em andamento. Seus pelotões realizaram seus adestramentos de combate urbano nas circunvizinhanças dos quartéis, dos quartéis-generais e de unidades próximas e foram capazes de simular um ambiente de múltiplos participantes na área de operações que não estavam interessados ou faziam parte do exercício. Essa ação forçou os participantes a empregar técnicas de seleção de alvo mais precisas para melhorar a identificação de ameaças entre a população de uma área urbana.

De comandante para comandante. Enquanto o Coronel Parks se preparava para as operações de um complexo campo de batalha, também participou de discussões com outros comandantes em um ambiente de extrema confiança. Ele declarou: “Criei uma Seção de Assuntos Cívicos — S5 porque sabia que podíamos enfrentar um ambiente complexo.”¹⁵ No início dos combates, o Coronel Parks enfrentou uma série de ações do inimigo, de enfrentamentos com elementos organizados do ex-Exército Iraquiano regular até combate contra insurretos: “Preparamo-nos para uma expectativa na Fase IV e quando nós vimos a realidade da situação tivemos de adaptar nossos planos.” A adaptação foi facilitada pelo clima de confiança mútua estabelecido, que permitia a liberdade de mudança do que foi denominado por Parks como um período de “incursões de tiro rápido” até “as operações de escolta para o Mujahedeen e Khalq, para a permanência em um lugar e manter o controle de uma cidade.”¹⁶

Os comandantes mais empenhados nas ações do Exército americano são os comandantes de companhias. Por isso, devemos observar este nível de comando e, também, observar a evidência da ação de comando nos escalões subalternos. Se encarássemos um desafio no âmbito geral do Exército que exija que nos adaptemos à natureza mutante de guerra seria importante reavaliar o teatro de operações que ora operamos, o Afeganistão. O Major Clay Novak comandou uma companhia de infantaria

aerotransportada no Afeganistão. Novak, que se formou em 1995, um dos anos denominados por analistas como o “Êxodo dos Capitães”, participou das pesquisas de Len Wong and Don Snider sobre sua turma de formação. Novak me informou que durante a década de 90 seus colegas diziam que a economia estava tão bem que estavam perdendo dinheiro permanecendo no Exército. No entanto, ele acredita que os oficiais julgados como “os melhores para o Exército” permaneceram no serviço ativo. Sua experiência no Afeganistão é relevante neste debate.¹⁷

A tomada de decisões independentes. O inimigo no Afeganistão é diferente, mas as exigências de combate são semelhantes àquelas no Iraque. O Major Novak participou de 18 operações de combate no Afeganistão, das quais 14 foram operações de assalto aéreo e 4 foram operações de companhia atuando isoladamente. A diretrix de seu comandante de batalhão dizia o seguinte: “Já têm a tarefa, o propósito e o intenção do comandante, corram atrás.” Com respeito a suas operações independentes, ele disse: “Eu era o responsável absoluto por cada tomada de decisão. Sua comunicação com o batalhão era realizada por intermédio de um rádio tático, via satélite.” De uma maneira geral, com respeito a sua experiência no Afeganistão ele me disse: “Acho que a percepção sobre a existência de oficiais superiores controlando nossas atividades é exatamente esta, uma percepção. Tínhamos liberdade de manobra. Os comandantes de brigada e de batalhão confiavam no nosso trabalho e nós confiávamos neles. Eu não tive experiência de fiscalização das ordens recebidas em qualquer das tarefas que desempenhei durante meu serviço no Exército seja líder de pelotão, oficial administrativo de companhia ou comandante de companhia, especialmente durante o combate.”¹⁸

Pode-se argumentar que só conversei com oficiais excepcionais. Embora isso possa ser verdade, o que também é verdade é que os comandantes tratarão os subordinados conforme suas avaliações sobre suas capacidades. Os melhores oficiais terão o maior nível de liberdade de ação; outros terão uma maior supervisão. Isso não é controle, é liderança.

O Major Guy Jones serviu como comandante de companhia no Quartel-General no Afeganistão e como Secretário de Estado-Maior da 82ª Divisão

Aeroterrestre no Iraque. Ele também se formou em 1994, um dos anos do período do “êxodo dos capitães”. Jones disse: “A fuga dos capitães não foi devido ao ambiente militar, foi produto de uma situação econômica favorável e a percepção de que o Exército estava em um processo de redução que diminuiria as oportunidades para avançar.”¹⁹

A companhia de Jones ficou baseada em Khandahar, Afeganistão, de junho a dezembro de 2002. Ele apoiou seu batalhão, que estava localizado em uma base de operações avançada perto de Khost, aproximadamente 322 quilômetros. Parece que o batalhão não sofreu com o controle detalhado das ordens recebidas ou com a falta de profissionalismo. Enquanto estava no Afeganistão, ele operava segundo as

“O comportamento de um comando hierarquicamente consciente, que encorajava a centralização e, por outro lado, desencorajava a iniciativa ou a inovação dos elementos subordinados,” contribuiu para a inabilidade do Exército de adaptar-se às exigências da Fase IV.”

missões recebidas e seus respectivos períodos de desdobramento. Seu comandante de batalhão lhe concedeu ampla liberdade de ação baseada na confiança adquirida, mais uma indicação de liderança e, também, um reconhecimento da exigência do ambiente operacional.²⁰

Momento Crítico

Por acaso, estamos em um momento crítico de nossa história? Concordo com a opinião do General Aylwin-Foster de que já chegamos ao ponto em que devemos pensar minuciosamente em nossos processos e abordagens para aprender com as experiências de majores como Novak e Jones. Devemos garantir que nunca voltaremos às práticas como o General Chiarelli declarou, “nosso modelo tradicional de adestramento, ainda sob a mentalidade da Guerra Fria.” Contudo, estamos sobrecarregados pelo racismo

institucional com respeito aos iraquianos, como foi afirmado pelo General Aylwin-Foster? De acordo com a minha experiência e a de outros com quem conversei, acredito que não. Devemos entender as culturas das terras e o povo com quem combatemos? Sim, devemos. Mas sofreremos pela falta de profissionalismo da força pelo êxodo dos capitães em meados da década de 90? Baseado nas entrevistas que conduzi para este artigo e as centenas de entrevistas que realizei durante o processo de seleção de candidatos para ingressar na Escola de Estudos Militares Avançados, eu diria não da maneira mais enfática possível. Nossos melhores capitães do Exército permaneceram fardados.²¹

Tem razão o General Aylwin-Foster em declarar que “intuitivamente, o emprego de outras opções, que não a força, seria mais difícil para o Exército norte-americano do que para seus aliados”? Baseado nas minhas experiências de planejamento e de artigos que já li, sustentaria que poderia ter sido verdade em 2003, mas não é mais o caso. Nosso desafio é desenvolver um sistema educacional e um ambiente de comando que valorizem a capacidade intuitiva de nossos oficiais para que possam enfrentar a incerteza sem recorrer reflexivamente à doutrina dogmática.²²

Havia uma tendência no Exército de supervisionar ou controlar as ações detalhadamente em todos os níveis de comando? Sim. Devemos ser honestos e aceitar a realidade. Existia um sistema de adestramento que nos permitia pensar só em termos de movimento? Sim. Mais uma vez mais, temos que aceitar os fatos. Temos reconhecido a existência desses fatos e estamos implementando medidas para corrigi-los? Sim. Chegamos a um momento de mudança na condução da guerra onde suas velhas formas não proporcionam as respostas necessárias para os desafios que enfrentamos e para as perguntas que propomos.

O General Aylwin-Foster cita o Tenente-Coronel John Nagl: “O papel do Exército Norte-Americano desde a sua origem sempre foi a erradicação das ameaças à sobrevivência nacional, em contraste com a história do Exército Britânico como um instrumento de guerra limitada, projetado para cumprir objetivos limitados com custos limitados.” O Tenente-Coronel Nagl tem razão: o Exército dos EUA foi preparado para proteger primeiro a terra natal e

depois os vitais interesses nacionais. O Exército Britânico, pelo contrário, foi criado primeiro para expandir e depois policiar um império. Embora Aylwin-Foster argumente com persuasão que neste momento crucial devemos transformar cultura do nosso Exército, sustento que não devemos fazer isso. Somos o Exército de uma república e servimos para combater e vencer as guerras da nossa Nação, como é devido e certo. O que devemos discutir é como a definição da guerra e o papel da força têm mudado neste novo século e, também, como devemos educar nossos oficiais para abordarem este momento histórico.²³

Nossos Desafios

O Chefe de Estado-Maior do Exército, o General Peter J. Schoomaker, nos apresentou este desafio durante seu discurso inicial: “A guerra é ambígua, incerta e injusta. Quando estamos em guerra, devemos pensar e agir diferentemente. Tornamos-nos mais flexíveis e mais adaptáveis. Devemos antecipar o “*check*” da última realidade, o combate. Devemos vencer ambos a guerra e a paz. Devemos estar prontos para questionar tudo. O que é o melhor para a Nação? O que deverá permanecer? O que deverá mudar?”²⁴

O que deverá mudar? Agora mesmo, devemos desenvolver e aperfeiçoar nosso entendimento da política e dos planejadores da política. Se nossas ações no fim das grandes operações de combate contribuíram ou não às dificuldades atuais que enfrentamos é irrelevante. Nossa obrigação moral é estabelecer um sistema de confiança, que capacite um processo de avaliação contínua para assegurar que tenhamos êxito quando travarmos a guerra. Devemos fazer isso para assegurar que o sucesso tático seja vinculado diretamente à finalização dos objetivos operacionais e estratégicos, até mesmo porque, seu único propósito é assegurar um tempo necessário para a realização de outras ações no teatro de operações. O General Chiarelli salienta que devemos aperfeiçoar nossos regulamentos, processos burocráticos e relações de estados-maiores. Também, devemos continuar refinar nossa metodologia de adestramento para que possamos tratar com as complexidades mutantes da guerra no século XXI.

Este debate tem que abranger bem mais do que apenas o enfoque na Fase IV de uma campanha particular. Se acreditarmos que estamos envolvidos numa guerra longa, e acredito que sim, precisamos, então, redefinir seu conceito e nosso entendimento dela. Como profissionais, precisamos revisar a noção de Clausewitz de que a guerra é uma extensão da política por outros meios e ver que o emprego de força definida como o emprego de unidades militares para cumprir um objetivo político, apesar da probabilidade de combate, é uma extensão da política. Desta maneira, podemos educar os oficiais de estado-maior e os comandantes a terem uma visão global de uma campanha e das operações associadas.

Os comandantes e os oficiais do estado-maior devem adquirir um melhor entendimento do desenvolvimento da política em relação a outros elementos do poder nacional. Isso é, na minha avaliação, a verdadeira lógica do ciclo de dispor, empregar, manter e redistribuir aquilo que o Exército pratica. Não existe outra maneira que nós, das Forças Armadas fardadas, possamos injetar nosso rigor no processo interagência para influir na política dos EUA com respeito ao emprego de força.

Enquanto começamos a entender a conduta mutante da guerra no século XXI, o elemento imutável permanece: A guerra é uma competição entre povos armados. O Exército dos EUA entende este fato? Eu diria que sim. Nós, como membros do Exército americano, entendemos que nesta forma de guerra é especialmente importante que as ações táticas que envolvam meios letais sejam subordinadas a um propósito político? Novamente, eu argumentaria que sim. Nosso desafio é assegurar que nossa compreensão não seja fugaz e que consigamos e continuemos a manter uma transformação positiva.

Ao final do seu artigo, o General Aylwin-Foster cita o Gen Schoomaker: “Quando os historiadores analisarem os eventos dos nossos dias, os registros para nosso Exército no início do Século XXI mostrarão uma organização adaptável e capaz de aprender? Acho que sim e temos a responsabilidade de assim fazê-lo”. Esse debate assegurará que o “*verdicto*” do General Schoomaker, como denominado por Aylwin-Foster, é absolutamente correto. Obrigado, General!²⁵**MR**

Referências

1. O General-de-Brigada AYLWIN-FOSTER, Nigel (Exército Britânico), "Mudar o Exército para as Operações de Contra-Insurreição," *Military Review*, Edição Brasileira (março-abril de 2006): p. 16. O Gen Aylwin-Foster serviu no Iraque do fim de 2003 até o fim de 2004.

2. O Major Evan Huelfer (Exército dos EUA), um planejador do EM do Conjunto do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas (CFLCC) e Doutorando na história, recomendou a denominação COBRA II. A inicial COBRA foi a primeira operação da II GM em que o III Exército participou e opinamos que foi apropriado relacionar esta operação ao século 21 à história do Terceiro Exército.

O Dr. Ken Pollack escreveu "Next Stop Baghdad?" (*Foreign Affairs*, março-abril de 2002) enquanto ensinava na *Massachusetts Institute of Technology* — MIT no Programa de Estudos de Segurança. Perguntei ao Dr. Pollack a razão pela qual seu trabalho não tratou dos deveres que o Exército devia fazer ao chegar a Bagdá. Esta entrevista, e outros com Barry Posen, Tom Christianson, Steve Van Evera e Owen Cote, me ofereceu idéias de como eu deveria agir quando cheguei a ser o E5 Conjunto. O Tenente Coronel Mike Hendricks, Tenente Coronel Glenn Patten, Tenente Coronel Winston Gaines e Mayor Willie Davis cooperaram para criar o segmento de Fase IV do plano. Começaram com o objetivo final do plano de campanha e aplicaram a doutrina comprovada de um método de planejamento para realização de nossos objetivos.

3. Em janeiro de 2003, recebemos reforços quando o Tenente-Coronel John Sutherland, o Major Wayne Grieme, o Major Bryan Sparling, o Major Bill Innocenti e o Major Nick Elliott dos Engenheiros Reais (Exército Britânico), chegaram para continuar na elaboração do plano da Fase IV. O Ten Cel Sutherland foi enviado ao Catar para cooperar com o Tenente-Coronel Stan Stewart porque havia a exigência de reter dois oficiais na seção E5 do Comando Central dos EUA (CENTCOM), ambos dos quais tinham que ser formados da Escola de Estudos Militares Avançados. Durante este período, recebemos a visita de um oficial da reserva com ampla experiência na região que estava servindo como um consultor de um conhecido meio da mídia. Informou-nos que as duas organizações mais antigas no Iraque eram o Exército e a burocracia, a partir da administração colonial dos britânicos. Aconselhou-nos que essas duas organizações devem ser as chaves para nossos esforços de reconstrução. Prometi que não revelaria sua identidade e ele me prometeu que não divulgaria os detalhes de nossos esforços. Também, comunicamos com alguns oficiais da ativa e da reserva que se formaram da Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA. Seus trabalhos foram inestimáveis para ajudar-nos à aperfeiçoar nossos esforços de planejamento. Também tivemos acesso a partes do estudo realizado pelo Departamento de Estado intitulado "Future of Iraq".

O Tenente-Coronel Tom Reilly liderou o grupo de planejamento operacional do Conjunto do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas na tarefa extremamente difícil de adaptar os suprimentos das unidades para as forças que os exigiam. Junto com o Major Frank Jones e o Major Joe Whitlock, Ten Cel Reilly assegurou que o grupo de planejamento operacional estava unido e bem focado durante seu esforço. Elliot, agora um Tenente-Coronel, foi denominado Membro da Ordem do Império Britânico devido aos seus serviços durante a Operação TELIC (como a campanha foi denominada pelos britânicos). Elliot um membro integral de nosso grupo E5 (estratégia para as operações combinadas) de planejamento, contribuiu muito durante as sessões de planejamento. Tiramos proveito das suas experiências adquiridas na Irlanda do Norte.

4. Em 23 de março de 2003, durante uma teleconferência, aprendi que "a política do Governo dos EUA era a remoção dos partidários do Partido Baath do Governo Iraquiano." A discussão subsequente entre os participantes superiores em Washington D.C., o Catar e Kuwait não clarificaram esta política. Depois da teleconferência, a suposição de chamar de volta a burocracia iraquiana chegou a ser algo problemático.

5. O General Albert Whitley (Exército Britânico) serviu com o Tenente-Coronel David D. McKiernan nos Bálcãs durante a década de 90. Ten Cel McKiernan apresentou ao Gen Whitley ao EM do Conjunto do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas como seu "conselheiro britânico." O Gen Whitley foi denominado Companheiro da Ordem de São Michael e São George devido aos seus serviços realizados durante a Operação TELIC. Orgulho-me ao haver servido com este verdadeiramente profissional cavaleiro e oficial.

Os historiadores discutirão com respeito aos papéis e deveres do Gabinete de Reconstrução e Assistência Humanitária (ORHA) e a FT Combinada-IV (JTF-IV). Tal esforço é além do alcance deste artigo. É suficiente dizer que as duas organizações foram compostas de oficiais extraordinários (do serviço ativo e da reserva) e civis norte-americanos e britânicos. (Outros se juntaram no Gabinete de Reconstrução e Assistência Humanitária e seu sucessor, a Autoridade Provisional da Coalizão.) Trabalhamos com eles para desenvolver um plano para direcionar a ação. O Major Winston Mann da FT Combinada-IV integrou o grupo do E5 (estratégia para as operações combinadas) quando a FT Combinada-IV se retirou.

6. Por haver denominado nosso trabalho "ECLIPSE II," seguimos a mesma lógica empregada ao denominar COBRA II. A campanha final da II GM que foi conduzida pelo Terceiro Exército consistiu da ocupação da Alemanha que foi denominada com o codinome *ECLIPSE*. Tentamos encontrar um nome em árabe com raízes na história iraquiana que significa renascimento, ou algo semelhante, mas não pudemos criar um que não ofenderia nenhum grupo étnico no Iraque; por isso, selecionamos "ECLIPSE II." O Conjunto do Comando do Componente das Forças Terrestres Conjuntas não trabalhou sozinho no planejamento da Fase IV. O Comando Central dedicou um grande nível de energia para esta fase da campanha. O Coronel Mike Fitzgerald e o Major John Fisher foram os principais pontos de contato no Comando Central.

7. AYLWIN-FOSTER, p. 23; o Major Clay Novak, entrevistado pelo autor, Forte Leavenworth, Kansas, 26 de janeiro de 2006. Novak liderou a Companhia B, 3º Batalhão, 505º Regimento de Infantaria Pára-queda, no Afeganistão de junho até dezembro de 2002.

8. AYLWIN-FOSTER, p. 6.

9. O General CHIARELLI, Peter W. e o Major MICHAELIS, Patrick R., "Alcançar a Paz: A Exigência para as Operações de Espectro Total," na Edição Brasileira de *Military Review* (novembro-dezembro de 2005), p. 15.

10. *Ibid.*, p. 14.

11. *Ibid.*, p. 15.

12. Um ex-comandante anônimo de uma equipe de combate de brigada que serviu no Iraque de maio de 2003 até abril de 2004, entrevista telefônica pelo autor, 23 de janeiro de 2006 e 2 de fevereiro de 2006. O oficial anônimo aprovou a publicação das suas citações.

13. *Ibid.*

14. *Ibid.*

15. O Coronel Tim Parks, entrevistado pelo autor, Forte Leavenworth, Kansas, 31 de janeiro de 2006. O Cel Parks, o ex-comandante do 1º Batalhão Infantaria serviu como um comandante de FT no Iraque de abril até junho de 2003. O Cel Parks aprovou a publicação das suas citações.

16. O Mujahedeen e Khalq foi um grupo de resistência iraniano baseado no Iraque dedicado ao desmoroamento da teocracia iraniana. O Governo dos EUA denomina o Mujahedeen e Khalq como um grupo terrorista, que conduziu suas operações para apoiar o regime de Saddam Hussein.

17. WONG, Len e SNIDER, Don, "Year Group Survey" (não existe mais informações), citado por Novak durante a entrevista pelo autor. Novak aprovou a publicação de todas as citações.

18. *Ibid.*

19. O Major Guy Jones, entrevista pelo autor, Forte Leavenworth, Kansas, 31 de janeiro de 2006. Jones serviu como comandante da Companhia de Comando do 3º Batalhão do 505º Regimento de Infantaria Pára-queda, Afeganistão, de junho até dezembro de 2002 e como secretário do EM, 82ª Divisão Aeroterrestre de junho até dezembro de 2004. O Maj Jones aprovou a publicação de todas as citações.

20. *Ibid.*

21. CHIARELLI e MICHAELIS, p. 14.

22. AYLWIN-FOSTER, p. 22.

23. O Tenente-Coronel NAGL, John A., *Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam: Learning to Eat Soup with a Knife* (Nova York: Praeger, 2002), p. 31.

24. O Chefe do Estado-Maior do Exército o General Peter J. Schoomaker, "Arrival Message to the Army," discurso apresentado no Pentágono, Washington, D.C., 1 de agosto de 2003, Disponível em: <www.army.mil/leaders/csa/messages/1aug03.htm>, acesso em: 22 de fevereiro de 2006.

25. AYLWIN-FOSTER, p. 32.